

Escola Industrial de Rio Claro



Escola Industrial de Rio Claro

Em 18 de maio de 1918

Ass. João Costa, Diretor - A Escola de Rio Claro

O edifício em discussão foi construído originalmente como residência urbana de um grande cafeicultor de Rio Claro, tendo sido concluído por volta de 1890. Foi doado à Prefeitura no início do século para que nele fosse instalada uma escola.

Isto vai ocorrer em 1918 quando se dá a criação da Escola Profissional de Rio Claro. O aparelhamento de escolas de caráter técnico-profissional, como esta de Rio Claro, criadas por iniciativa do poder estadual, deve ser entendido dentro das preocupações quanto à educação na Primeira República. Esta era vista no ideal da época como caminho para a salvação nacional, e nesse sentido as escolas técnico-profissionais citaram, através das instituições de cultura, técnica, artes e do progresso econômico.

Assim, dentre as realizações da Primeira República no campo educacional está a criação, sob o patrocínio do Estado, de inúmeras escolas técnico-profissionais a nível federal e estadual.

Na verdade, esse tipo de ensino vem atender às exigências de uma sociedade que assistia a um incremento das atividades industriais e da urbanização. A escola assumia, assim, um importante papel na preparação da mão de obra para as funções que então se diversificam.

O governo do Estado de São Paulo vai introduzir esse tipo de escola, a nível oficial, em 1911 com a criação de duas na cidade de São Paulo - uma feminina e outra masculina. Depois dessas são criadas mais duas no interior - em Jacaré e Amparo - em seguida aparece a de Rio Claro. Esta cidade oferecia uma clientela significativa para esse tipo de escola. Com o declínio da produção cafeeira ali, tinha havido um crescimento das atividades urbanas - comércio; Cervejaria Rio Claro; funcionamento por muito tempo das oficinas da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. A Escola Profissional de Rio Claro vai, assim, com seus cursos de marcenaria, mecânica, Desenho Profissional, etc. atuar no fornecimento de mão de obra a nível local e regional. Em suas oficinas produziu um sem número de objetos de marcenaria, serralheria, etc. de boa qualidade, que ainda hoje podem ser encontradas nas residências de Rio Claro.

A Escola Profissional de Rio Claro acompanhou as diversas reformas do ensino até hoje, permanecendo sempre, no entanto, como um Instituto de educação técnico profissional.

Para a adequação da antiga residência ao programa de uma escola foram necessárias algumas adaptações no edifício que sofreu reformas interiores e acrescimos. Segundo o Professor Carlos Lemos isto teria caracterizado o edifício tornando desinteressante o seu tombamento. Gostaríamos de lembrar que a adaptação de residências urbanas para a brigar escolas foi prática comum nos primeiros tempos da implantação da rede oficial de ensino em São Paulo. Se nos preocupássemos somente com as adaptações construídas exclusivamente para serem escolas deixaríamos de lado muitos exemplares interessantes.

Entendemos ainda que essas alterações no edifício, longe de o desfigurarem, são apenas as marcas de sua história. Quando foi transformado em escola passou a ter um novo significado que se sobrepôs ao já existente. Ele já não pode mais ser entendido somente como uma residência urbana que testemunha a época de pujança da economia cafeeira no Oeste Paulista; nem tem sua importância apenas na integridade de suas características arquitetônicas originais. Esta deve ser buscada no conjunto de sua trajetória - que inclui até mesmo as alterações de que foi objeto - e nos diversos significados que abriga.

Nesse sentido acreditamos que seu tombamento estaria plenamente justificado.

Sônia de Deus Rodrigues
nov. 1983

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º

do P. COMISSÃO n.º 22293/82 (a)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial do Rio Claro.

Interessado :
Assunto :

INTRODUÇÃO

Surgido no século XVIII como pouso de tropeiros e bandeirantes que se dirigiam a Mato Grosso pelos sertões da região, o povoado de São João Batista do Ribirão Claro vai conhecendo grande desenvolvimento a partir da implantação da cultura cafeeira na região.

Com efeito, na segunda metade do século XIX assistimos à decadência do café no Vale do Paraíba e um progressivo avanço de seu cultivo nas terras do Oeste Paulista, onde se situava Rio Claro. Nessa região o café vai conhecer grande prosperidade devido a diversos fatores como por exemplo a existência de grande quantidade de terras de boa qualidade, o emprego de técnicas modernas no plantio e beneficiamento do café, a utilização de mão-de-obra livre, a expansão da produção em razão da generalizada produção do consumo na Europa e EUA.

Durante algum tempo o limite do avanço da produção cafeeira para o Oeste foi Rio Claro. Segundo Flávio A.M. Saes, Tschudi um viajante alemão "notou", em 1860, que era impossível plantar além de Rio Claro pois a distância a vencer era muito grande" (1). Isto porque o meio de transporte utilizado até então a tropa de mulas, tornava desinteressante o envio do café de longas distâncias até o porto de Santos, pois isto levaria a um

(1) SAES, Flávio A.M.-As ferrovias de São Paulo, São Paulo, HUCITEC/INTL, 1961, p.39

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º
P. COMDEPHMAT n.º 22290/82 (a).....

Interessado
Assunto

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO
Estudo de tombado do prédio da Escola Industrial de
Rio Claro.

aumento do custo do produto e poria em risco sua qualidade.

A implantação da rede ferroviária na região vai alte-
rar esse quadro possibilitando a extensão do cultivo do café pa-
ra além de Rio Claro. Não havendo interesse da companhia inglesa
que obtivera o monopólio da ligação entre Santos e Jundiaí para
a qual qualquer estrada do interior deveria ligar-se, tornando-se
assim sua tributária, a construção de outras estradas de ferro
no interior do estado "coube a fazendeiros, capitalistas e homens
públicos de São Paulo"(2). A Companhia Paulista de Estrada de
Ferro, empreendida por iniciativa de Saldanha Marinho e tendo co-
mo maioria dos participantes fazendeiros de café do centro-oeste
e do oeste paulista é, assim, fundada em 1868, tem seu primeiro
trecho (Jundiaí-Campinas) inaugurado em 1872 e alcança Rio Claro
em 1876. São Carlos é atingido em 1884 e Araraquara no ano seguin-
te.

Por essa época o município de Rio Claro vai afirman-
do-se como produtor de café. Ao lado disso a cidade recebe inúmeras
construção de residências que atestam a importância crescen-
te dos cafeicultores, assim como o aparecimento de edifícios que
revelam uma preocupação com a vida cultural como o Teatro São
João (Pênix) em 1864 ou o Gabinete de Leitura em 1876. Datam des-
sa fase também a implantação da iluminação elétrica (1885) fazem
do de Rio Claro a segunda cidade do Brasil e a primeira do estado
de São Paulo a ter esse melhoramento, e a substituição do nome
das ruas por números (1886).

(2) MATOS, Odilon M.-Café e Ferrovias: A Evolução Ferroviária do
São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeteira, São Paul
Alfa-Omega/Sociologia e Política, 1974, 2a ed. p.62.



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º

do P. CONDEPHEMAT n.º 22298 / 82

(a)

Interessado

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Assunto

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de Rio Claro.

Nesse contexto e dentre essas construções da segunda metade do século XIX encontramos o solar de D. Luíza Botão.

O SOLAR DE D. LUIZA BOTÃO

Nascida no Rio Grande do Sul, D. Luíza Gomes Barreto

vai ser conhecida até o fim de sua vida como D. Luíza Botão, em razão de ter-se casado, já em segundas núpcias, com o capitão Francisco Gomes Botão, cafeicultor e uma das maiores fortunas de Rio

Claro. Após a morte deste D. Luíza casa-se com Paschoal Affonso

Rinaldi, de quem também vem a enviuvar em 1889. Sozinha, D. Luíza

passa a gerir ela mesma seus negócios sendo que, segundo Oscar

A. Pontecado "um dos seus primeiros atos, foi terminar a constru-

ção de sua casa que estava sendo levantada no terreno da Rua Al-

gre (av.5) entre as ruas de São João e General Osório; terreno

que Francisco Gomes Botão recebiera da Câmara em 1870 em troca de

outro que entregou ao Município, na mesma rua, para edificação

da Cadeia Pública" (3). Assim, por volta de 1890 dá-se a conclu-

são das obras do edifício que vem a ser conhecido como o Solar

de D. Luíza Botão.

Quando de sua construção o edifício situava-se numa

área de quase cinco mil metros quadrados, uma verdadeira chácara,

sendo circundado por "árvores frutíferas nacionais e exóticas"

(4). De feições predominantemente neoclássicas apresentava mu-

(3)

PONTCEADO, Oscar A- Rio Claro. Coleção Histórica, Rio Cla

no, 1977, p. 83.

(4)

PONTCEADO, Oscar A- op. cit. p. 84

100.000 - V-980

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º.....

P. COMDEPHAR n.º 22258/82

(a)

Interessado

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de

Rio Claro.

Assunto

tas das características normalmente encontradas nas residências urbanas da segunda metade do século XIX, período já marcado pelo ecletismo, conforme classificação de Nestor Goulart Reis Filho em seu livro Quadro da Arquitetura no Brasil (São Paulo, Ed. Pers-

pectiva, 1978, 4ª ed.) obra na qual vamos nos referendar. Entre

essas características podemos destacar a solução de implantação, afastando o edifício dos limites laterais mas ainda conservando-

o no alinhamento da via pública. A entrada era feita lateralmen-

te, como normalmente acontecia e "sobre as pilasturas do portão de acesso, dois imponentes galgos de granito negro davam um in-

senhorial à residência. Tais esculturas foram retiradas no iní-

cio do século, desconhecendo-se seu paradeiro atual" (5).

Como as residências das cemadas abastadas da época,

o solar de D. Luiza Botão possuía um jardim lateral que ocupava o espaço de um outro lote e onde se via um chafariz, hoje

mais existente. Era comum também a presença de mirantes nessas

construções, sendo que neste mesmo jardim do solar, "na esquina

de avenida 5 com rua 6, existia um pequeno sobrado com dois pa-

vimentos. O pavimento superior, todo aberto, era utilizado por

D. Luiza e seus familiares como mirante por ocasião das festas

que se realizavam no Largo da Matriz" (6), situado no quarteirão

ao lado.

(5) PITIPALDI, Fernando C. - Restauração e memória (s/ref.)

(6) PITIPALDI, Fernando C. - op. cit.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de Informação rubricada sob n.º

P. CONDEPMAAT

n.º 22298/82

(a)

Interessado

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial

Assunto

de Rio Claro.

O solar, construído em alvenaria de tijolo e cal, tinha as paredes revestidas de massa, o telhado era escondido pela platibanda onde estatuas e cornijas de longa serviam de ornamentos decorativos. A ligação entre o edifício do pórtico alto e o jardim fazia-se por uma escada de madeira com grade de ferro no cimo da qual havia o alpendre, presente em quase todas residências do período, nas mais variadas formas, e onde dava-se a parte da vida das famílias, servindo de lugar para receber e conversar. O ferro era utilizado em abundância, ao lado do vidro e do material importado em geral, como na maior parte das construções beneficiadas pelo contato com o exterior, propriedade para a implantação da rede ferroviária na segunda metade do século XIX.

No frontispício ainda hoje se vêem as iniciais L. B. M. de D. Luiza Barreto Rinaldi, último nome da dona do solar que ainda nos fins do século XIX é obrigada a desfazer-se dele por estar em dificuldades financeiras. Este é assim vendido ao Sr. Egson Van Frankemberger, gerente da Central Elétrica que ali reside até 1912. Após seu falecimento o imóvel é levado a hasta pública, em 1914, sendo arrematado pelo Senhor José Ribeiro de Almeida Santos Filho, representante de uma subscricção popular que visava ali instalar uma Escola Normal, a ser criada pelo Governo Estadual. Como tal não ocorreu, os subscritores resolveram doar o imóvel ao município com a condição de ser instalado ali um estabelecimento escolar.

A partir daí o prédio vai abrigar de 1914 a 1915 a Escola de Farmácia e Odontologia de Rio Claro, que é sucedida pela sede do Tiro de Guerra na cidade durante a Primeira Guerra

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º

P. CONDEPHAAE n.º 22298 / 82 (e)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de
Rio Claro.

Interessado

Assunto

Mandado.

Por fim, em 1918 é instalada ali a Escola Profissional-
nal de Rio Claro, não havendo alteração no programa do edifício
até os dias de hoje.

A ESCOLA PROFISSIONAL DE RIO CLARO

A implantação em Rio Claro de um estabelecimento vol-
tado para o ensino técnico-profissional deve ser entendida levan-
do-se em conta a situação econômico-social da primeira República
e seus reflexos no sistema escolar.

Se até por volta dos anos dez deste século prática-
mente não havia outra alternativa a não ser investir sempre mais
na produção cafeeira, o próprio desenvolvimento dessa produção,
com seus efeitos de concentração de renda nas mãos do grupo

ela ligado, origina uma das condições fundamentais para a implan-
tação da industrialização no Brasil. Ocorrida nessa época, uma
considerável acumulação de capital, sem o que seria impossível
haver um surto industrial duradouro. Ao lado disso, algumas cir-
cunstâncias como disponibilidade de mão-de-obra, existência de

um mercado interno em expansão, dificuldade de importação de ma-
cadoras devido à guerra e à desvalorização cambial, vão consti-
tuir-se em condições favoráveis a esse surto. Sendo assim há um
incremento das atividades industriais nesse período e "dos 336

estabelecimentos industriais, com 54.169 operários existentes em
1889, passa-se respectivamente, em 1907, a 3.250 com 150.841, em
1920, a 13.336 com 275.512, enquanto entre 1920 e 1929, o núm-

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º

P. CONDEPMAAT

n.º 22298/82

(a)

Interessado

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estado de tombamento do prédio da Escola Industrial

de Rio Claro.

Assunto

no de estabelecimentos aumenta de 4.697" (7).

Alguns autores situam esse momento como aquele em

que se dá efetivamente a instalação do capitalismo no Brasil, "o modo intermediário entre o sistema agrário-comercial e o urbano-industrial, os dois grandes ciclos da vida econômica brasileira"

na" (3).

Acelera-se nessa época o processo de divisão social do trabalho, há uma crescente especialização de funções, advindo das modificações na composição da sociedade: "a história do período deve ser percebida como a da consolidação do empresariado rural e a da evolução do proletariado industrial" (9) Evolução esta ligada a uma incipiente atividade artesanal pré-existente, em grossada pelos contingentes de mão-de-obra disponível surgidas com a abolição da escravidão, com a expansão dos núcleos urbanos e com as tentativas de industrialização.

E, pois, no esforço de adequar a educação às necessidades de uma sociedade que se urbaniza e industrializa que deve-se entender a valorização do ensino técnico-profissional ocorrida então. O estabelecimento de uma relação direta entre capacidade de produtiva e cultura técnica somada ao papel de "salvação nacional" conferido à educação no ideário da época, leva à superes-

(7)

NAGLE, Jorge - Educação e Sociedade na Primeira República,

São Paulo, EPU/R.J., FENAMEB, 1974, 1975-Reimpressão p. 14/15.

(8)

NAGLE, Jorge - op.cit., p. 12 "

(9)

NAGLE, Jorge - op.cit., p. 26.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º

P. CONDEPMAAT

n.º 22298

/ 1982

(a)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de

Rio Claro.

Interessado

Assunto

timagem do ensino técnico-profissional como motor do desenvolvimento. Contestava-se o caráter livreiro de nossa educação tradicional, buscando aproximá-la de um sentido mais prático e com isso transformar o indivíduo "em parte ativa do progresso nacional

ou da prosperidade pública". (10)

Em vista disso nas numerosas reformas educacionais empreendidas durante a primeira República ao nível federal e estadual, papel destacado vai ter o ensino técnico-profissional. Muitas escolas públicas, com esse tipo de ensino, vão surgir, sendo-se as poucas existentes até então. Essas escolas vão destinando-se, assim como suas antecessoras, a um determinado tipo de público. Nelas os "desfavorecidos da fortuna", os "grupos", os pertencentes às "classes populares", as "classes pobres", se afastados dos "vícios" e dos "maus hábitos" e encaminhados para uma atividade produtiva. Percebe-se ao lado de um exposto objetivo assistencial desse tipo de escola um implícito conteúdo discriminatório. Restringia-se, assim, ao povo, a possibilidade de acesso a uma educação formada reservada a uns poucos que conseguiram ter acesso à escola secundária.

No Estado de São Paulo, a introdução do ensino técnico-profissional na rede oficial de ensino data de 1911, com a fundação de duas escolas profissionais na Capital, uma masculina e outra feminina, e de duas no interior, em Jacaré e Amparo. A partir destas, e seguindo o mesmo padrão, foram criadas as escolas profissionais de Rio Claro (criada em 1918, com início de

(10) NAGLE, Jorge - op. cit., p. 111.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º _____
do P. CONDEPMAAT n.º 22298 / 82 (a)

Interessado _____
Assunto _____

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO
Estudo de tombamento do prédio da Escola Profissional de
Rio Claro.

Funcionamento em 1920), de Franca (1920), de Campinas (1927), de
Ribeirão Preto (1928), de Sorocaba (1929), de Joca e São Car-
los (1930). Em 1933 faz-se a incorporação do Instituto Escolar
Rosa de Santos, e algum tempo depois surgem os cursos e núcleos
de ferroviários, as escolas de ensino doméstico e agrícola.

A Escola Profissional Secundária Masculina de Rio
Claro foi, assim, criada pela Lei Estadual nº 1035 de 31 de de-
zembro de 1918. Em setembro de 1919 é instalada pelo Prof. Arnau-
do Bayeux da Silva e inaugurada em dezembro do mesmo ano. O iní-
cio das aulas se dá, finalmente, em setembro de 1920, sendo ofe-
recidos os seguintes cursos: Mecânica, Tencelaria, Pintura, Desenh-
no Profissional, Plástica, Educação Cívica, Aritmética, Desenho
Artístico e Curso Preliminar Noturno.

Por essa época já percebia-se no município um declí-
nio de sua produção cafeeira, fazendo com que muitos imigrantes
que se dirigiam para a região não se fixassem no meio rural. Por
outro lado o comércio, as pequenas indústrias ao lado da já pros-
pera Cervejaria Rio Claro e da Companhia Paulista de Estradas de
Ferro, que por muitos anos teve suas oficinas ali, absorviam con-
siderável número de operários. Havia, pois, uma clientela em po-
tencial para uma escola profissional o que deve ter nortado a
escolha de Rio Claro para abrigar um estabelecimento do tipo. Por
outro lado, isto veio de encontro às necessidades do município
quanto à formação de mão-de-obra.

Frequentavam, assim, a escola, principalmente filhos
de imigrantes e de operários. Concluído o curso eram absorvidos

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Interessado

Assunto

Estudo de tombamento do prédio da escola Industrial de Rio Claro.

pelo mercado de trabalho local ou regional. Em depoimento oral o Sr. Durval de Oliveira, vice-diretor da escola hoje, contou-nos que a indústria Vigorelli mandava buscar ali, de caminho, alunos para nela trabalharem.

Quanto ao esquema de funcionamento das escolas profissionais regidas pelo governo estadual na época, este era notado pelo princípio de "aprender fazendo". Sendo assim ao lado das aulas teóricas os alunos também desenvolviam atividades práticas produzindo objetos dentro de sua especialidade. Desde a re-forma do ensino paulista de 1921 a escola poderia receber encomendas de particulares a serem realizadas por seus alunos que trabalhavam com uma parte do dinheiro arrecadado para a formação de um pecúlio para quando se formassem. Ainda hoje podemos encontrar em Rio Claro portões, móveis, objetos, feito dessa forma, além de inúmeras fotografias guardadas precariamente nos portões da escola, onde se vêem algumas das exposições anuais de trabalhos de alunos. Ressalta, pela observação dessas fotos, a qualidade destes, seja no mobiliário, na estatuária, nos trabalhos de ferro, nas pinturas, etc.

A Escola Profissional de Rio Claro abrigou em anexo a partir de 1934 a Escola Profissional Primária Feminina Municipal, que oferecia cursos de corte e costura, roupas brancas, rendas e bordados, flores, chapéus e artes aplicadas.

Num sistema de cooperação entre as Estradas de Ferro e o Estado, criam-se em 1934 Cursos de Ferroviárias em São Paulo, em Campinas e em Rio Claro onde, embora funcionasse nas oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, estava submetido à



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º _____

do P. CONDREHAT n.º 22298 / 82 (a)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Interessado:

Estado de tombamento do prédio da Escola Industrial de Rio Claro.

Assunto:

extinto em 1946.

Em vista das reformulações do ensino produzidos du-

rante o Estado Novo, a Escola Profissional de Rio Claro adapta-

-se aos preceitos da Lei Orgânica do Ensino Industrial no Brasil,

(1942) que unifica as escolas industriais. Sua equiparação se dá

em janeiro de 1943, sendo-lhe facultado ministrar os cursos de

Fundição, mecânica de máquinas e pintura. Em 1945 abre-se o cur-

so de corte e costura para as mulheres, mesmo ano da transforma-

ção de seu nome em Escola Industrial de Rio Claro. Este nome, por

sua vez é trocado em janeiro de 1954 para Escola Técnica de Rio

Claro, para quatro meses depois ser chamada de Escola Industrial

"Prof.º Apriégio Gonzaga".

De 1964 a 1971 submete-se à Lei de Diretrizes e Ba-

ses da Educação Nacional, como o nome, a partir de 1965, de Gina-

sio Industrial Estadual "Prof.º Armando Bayeux da Silva".

Já sob a Lei 5692/71 que implantou o chamado Ensino

profissionalizante no país, é transformada em Centro Estadual In-

terescolar "Prof.º Armando Bayeux da Silva" (1976). Finalmente em

janeiro de 1978 recebe sua denominação atual: Escola Estadual de

Segundo Grau "Prof.º Armando Bayeux da Silva".

O EDIFÍCIO HOJE

Construído dentro da liberdade conferida pelo ecletis-

mo ainda hoje conserva na fachada muitas das suas caracterís-

cas originais, não perdendo a sua feição predominantemente neo-

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º

P. CONDEPHAAAT n.º 22298 / 82 (a)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Assunto: Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de Rio Claro.

Interessado: clássica, tendo sido já objeto de um restauro, de que cuidaramos a seguir.

Por ter visto alterar-se o seu programa, como não raro acontece a residências de grande porte, o solar de D. Luiza Botão sofreu uma série de adaptações e acréscimos, marcas da sua história. A parte interna foi alterada para abrigar salas de aula, já quando da instalação da Escola Profissional, para as oficinas foi necessário construir-se um anexo nos fundos do casarão. Outros volumes foram levantados para abrigar o almoxarifado e as salas de manutenção. Houve modificações nos portões e onde entrara havia o jardim e o mirante ergue-se desde 1976 um novo edifício.

cio.

Através de um convênio entre a CONESP e o CONDEPHAAAT procedeu-se de dezembro de 1980 a março de 1981 a um trabalho de restauração, que contou com a assessoria do Arquiteto Clóvis Lerner em nome do CONDEPHAAAT, de quem colhemos as informações que se seguem. Os critérios de escolha dos itens a serem desenvolvidos naquele momento foram construídos a partir da disponibilidade de documentação da CONESP, que visava originalmente proceder apenas a obras de conservação do prédio novo.

O trabalho centrou-se então, na recomposição da fachada e dos vãos, feita com base em documentos fotográficos. Segundo o arquiteto Clóvis Lerner, para uma restauração mais completa a escola conta com a correspondência mantida, em diferentes épocas, entre seus Diretores e Secretários da Educação onde solicitam-se verbas para reformas do prédio, ali discriminadas.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º

P. CONDEPRAAT n.º 22298/82

(a)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de Rio Claro.

Interessado

Assunto

Nesta etapa já concluída foram cumpridos os seguintes itens, dentro os sugeridos:

- recuperação dos vãos e bandeiras do pavimento superior.

- substituição dos cantilhos de vidro basculante por calilharia de madeira e colocação de venezianas

construídas tendo por base um fragmento de folha

de janela veneziana encontrado no fundo da escola.

- demolição de uma casa de força que havia sido construída

truída agregada ao volume da casa, na fachada.

- reabertura, recomposição e restituição de arcos e

ornatos de uma janela emoldurada na lateral, em função

do da demolição da casa de força que a obstruía.

- retirada de uma passagem coberta que interferia na

leitura da fachada lateral.

- pintura externa do solar na cor original e pintura

do edifício novo em gelo e cinza claro para manter a

linha.

Os outros itens constantes do memorial de restauração

que não foram efetuados por falta de recursos financeiros

são:

- demolição do galpão coberto agregado ao corpo da

casa,

- recomposição do telhado com telhas de capa e canal

o tipo usado originalmente no edifício, conforme

documentação fotográfica.



Folha de informação rubricada sob n.º

P. CONDEPMAAT n.º 22298 / 82 (a)

Interessado

Assunto

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de Rio Claro.

- recomposição dos forros internos, originalmente tampo sala e camisa.
- recomposição das paredes internas eliminando os guichês da Secretaria.
- adequação da ferragem de porte e dos ambientes hidráulicos.

Hoje, o antigo solar de D. Luiza Botão abriga algumas salas de aula e a parte administrativa da Escola Estadual de quando Grau "Prof. Armando Bayeux da Silva". No edifício novo estão as outras salas de aula e as oficinas encontram-se no anexo construído nos fundos do casarão. Os cursos oferecidos são de mecânica e eletrotécnica, contando a escola com cerca de 700 alunos matriculados no ano de 1932.

CONCLUSÃO

O antigo solar de D. Luiza Botão é de importância inegável para o município de Rio Claro. Tendo sido construído na época de pujança da economia cafeeira na região, marca essa fase da vida da cidade, sendo uma das últimas construções desse período ainda existentes ali. Além disso, como sede da Escola Profissional acompanhou o seu desenvolvimento quando esta viu crescer sua população urbana e sua necessidade de formação de mão-de-obra.

No entanto, o interesse do edifício não nos parece ser apenas de caráter regional pois esses dois momentos da história de Rio Claro se confundem com a própria evolução econômica do Es-

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º _____
do P. CONDEPHAAAT n.º 22298/82 (a)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial

de Rio Claro.

Assunto

Interessado

tado de São Paulo. Construção da época de prosperidade do café no Oeste Paulista, quando essa região passa a ser a mais importante economicamente para o estado, constitui um dos marcos desse momento, enquanto concebida como residência urbana de um grande cafeicultor. Sede de uma das primeiras escolas profissionais do estado surgidas como um reflexo no sistema escolar do incremento das atividades industriais nas primeiras décadas do século XX em São Paulo, faz parte da memória do ensino técnico-profissional aqui. E ainda, por conter muitas das características das residências urbanas da segunda metade do século XIX, é um de seus exemplos. Em vista disso julgamos que a preservação do edifício interessaria não apenas ao município de Rio Claro mas ao Estado de São Paulo como um todo.

Necessário seria também, visando neste caso a preservação da memória do ensino técnico-profissional, que as fotografias guardadas, como já o dissemos, nos porões da Escola, recebessem melhores cuidados. Existindo na cidade duas instituições ligadas à preservação da memória do município, o Arquivo Histórico Municipal de Rio Claro e o Museu Histórico e Pedagógico "Amadeu Bueno da Veiga", é inconcebível que um material tão importante permaneça escondido aos olhos da população, correndo o risco de se perderem. Exposições permanentes ou periódicas, na própria escola ou fora dela, contribuiriam para que a população valorizasse a produção cultural de sua cidade, nas autênticas obras de arte que foram os trabalhos efetuados pelos alunos da Escola Profissional de Rio Claro.



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA -

Folha de informação rubricada sob n.º _____

do P. CONDEPHMAT n.º 22298/82 (a)

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Interessado:

Assunto:

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de Rio Claro.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

ALMEIDA, Nelson Martins de (org.) - Album de Rio Claro, Documento Histórico Ilustrado do Município de Rio Claro, 1951.

FAUSTO, Boris - "Expansão do café e política cafeeira" in História Geral da Civilização Brasileira, São Paulo, DIFEL, 1977, Tomo III, vol. 1, 2ª ed.

FERRAZ, J, Romen - História do Rio Claro (A sua vida, os seus costumes e os seus homens) São Paulo, tip. Hennes Irmandos, 1922.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de - Prefácio a Memórias de um colono no Brasil de Thomaz Davatz, São Paulo, Livraria Martins Editora/EDUSP, 1972.

MACHADO - Ilara Luz (coord.) - Rio Claro Sesquicentário, Rio Claro, Museu Histórico, 1978

MATOS, Odilon Nogueira de - Café e Ferrovias: A Evolução da roviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Ce-feira, São Paulo, Alfa-Omega/Sociologia e Política, 1974, 2ª ed.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º _____

do P. CONDEPHAT n.º 22298/82 (a) _____
DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Interessado :
Assunto :

Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial
de Rio Claro.

MILLIET, Sérgio - Roteiro do Café e outros ensaios. São Paulo
Col. Departamento de Cultura, vol. XXV, 1939.

NAGLE, Jorge - Educação e Sociedade na Primeira República. São
Paulo, EPU/Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Material
Escolar, 1974, 1976 - reimpresão.

REIS Filho, Nestor Goulart - Quadro da Arquitetura no Brasil.
São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978, 4a ed.

PENTEADO, O. A. - Rio Claro. Coletânea Histórica. Rio Claro,
Rio Claro, 1977.

SAES, Flávio Azevedo Marques - As Ferrovias de São Paulo. São
Paulo, HUCITEC/INTL, 1981

SAIA, Luiz - Morada Paulista, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978,
2a ed.

SILVEIRA, Horácio A. - O Ensino Técnico-Profissional e Domés-
tico em São Paulo. São Paulo, Emp. Graph. da "Revista dos
Tribunais", 1935.

SILVEIRA, Horácio A. - Relatório da Superintendência da Educa-
ção Profissional e Doméstica-1935. São Paulo, Revista dos
Tribunais, 1937.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



Folha de informação rubricada sob n.º _____

P. CONDEPHAAT n.º 22298/82 (a) _____

DEPUTADO JOSÉ FELICIO CASTELLANO

Interessado :

Assunto : Estudo de tombamento do prédio da Escola Industrial de Rio Claro.

ZANARDI, Maria de Lourdes - Escola Estadual de Segundo Grau

"Prof. Armando Bayeux da Silva" de Rio Claro - Resumo Histórico (mimeografado).

JORNAIS:

MAUL, Carlos - "O ensino técnico-profissional" in Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21/1/1937.

MONTJOS, Francisco - "História e evolução do ensino industrial no Brasil" in Mensário do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1939, Tomo 7, vol. 3.

PENTEADO, O. A. - "O Solar de Da. Luiza Botão" in Diário de Rio Claro, Rio Claro, 16/7/1967.

Depoimentos Oraís

Sr. Oscar Arruda Penteado - Historiador local

Sr. Durval de Oliveira - Assistente de Direção da Escola Esta-

dual de Segundo Grau "Armando Bayeux da Silva"

Arquiteto Clovis Lerner - responsável junto à CONESP, em nome

do CONDEPHAAT, pelo trabalho de restauração do edifício.

STCR, em 1º de março de 1983

SONIA DE DEUS ROdrigues

Historiografia

50.000 - X-981

Impr. Serv. Gráf. SICCI